

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrão-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Se eu fosse a *moda*, começava hoje a fazer-vos minhas despedidas por meio do *Jornal das Senhoras*, para partir para a Europa no primeiro vapor que sahisse.

Lá, além do prazer de rever sua patria, teria o de ir aos bailes e theatros, de passear com suas irmãs enlaçadas como as Graças da mythologia, e ser assim admirada.

Mas no Rio de Janeiro! Coitada! ella está condemnada a viver encerrada em casa, como uma freira n'um couvento.

Educada nos salões e nos logares dos grandes *rendez-vous*, moça cheia de caprichos e de vontades, vaidosa e *coquette*, não pôde habituar-se ao isolamento e á solidão.

Por consequencia, nesta quadra em que a insipidez reina com um absolutismo despótico em nossa cõrte, ella se vai fanando de languidez, vive triste e pensativa, encerrada em seu camarim, a scismar defronte do seu espelho seus sonhos enfeitados de tão lindas côres, de tão lindas fitas, de tão lindas flores, de tanta harmonia e poesia.

O *ensado* trancou as portas dos salões, e collocou uma sentinella postada de atalaia junto aos umbraes desses templos do amor e do prazer, para que a entrada fosse vedada aos devotos que vão render o seu culto, e ás imagens das santas de sua devoção, que devem postar-se nos altares

á que elles elevão suas preces e sua fervente adoração.

Elle goza placido e sereno o seu santo ocio, trancado naquellas salas desertas e sombrias, ha pouco tão illuminadas, palco de tantas scenas de prazer, diversas e variadas.

A *moda* tem ido muitas vezes desesperada bater-lhe no portão da entrada; mas não ha pedra tangida por força humana que faça o extravagante acordar: apenas ouve-se desembocar pelo buraco da fechadura a zuada dos roncões do maldito, que com todo o descôco ronca como um porco, estirado no meio dos tapetes.

Ella sabe d'ali maçadiuha, e não tem remedio senão ir para os camarotes do Provisorio ou de S. Pedro de Alcantara, se quizer mostrar o seu *toilette* novo.

Mas ella não gosta muito dos theatros, porque a contemplão de longe; e apezar dos biuêculos não podem distinguir a belleza de sua cabeça, ou a perfeição de seu corpo.

Felizmente essa quadra vai terminar. Se tivéssemos os lindos passeios de Pariz, os Campos Elysios, por exemplo, os bailes poderião na estação calorosa ser dispensados: mas não ha outra distracção, não ha grandes logares de reunião no Rio de Janeiro, que supprão a sua falta. De sorte que a insipidez que resulta de sua abolição incommôda mais que o calor que se sente nos sa-

lões, nas noites quentes como as deste tempo. Fallando, pois, sem figuras: logo que cessão os bailes, ficam as moças condemnadas a não mostrar ao grande mundo o seu *toilette* da moda senão nos theatros, actualmante pouco frequentados, por justas razões.

Um, por falta de uma boa companhia lyrica e variedade de operas; o outro, porque o Sr. João Caetano não quer representar, e a companhia dramatica se tem dous ou tres bons comicos, não tem uma só comica que preste na minha opinião. Mas, como ia-vos dizendo: a quadra vai terminar: o *Campestre* ahi vem, a *Phil' Euterpe* e a *Sylphide*. Preparai-vos, pois; e eu vos rogo que vos pentieis como vos indica a estampa de hoje, para que eu não seja a unica que vá assim penteada. Ficareis talvez ainda mais linda que com o penteado á Eugénie, tão favorito agora e tão distinguido.

Cumpra porém dizer-vos, que os figurinos que vos offereço hoje já pertencem á transição das

estações de Pariz, e por isso representão *toilettes* mais pesados, proprios para o inverno, do qual estamos nós por ora mui distantes. Entretanto, não nos pôde Pariz remetter em boa fé outros figurinos, que não sejam os da moda reinante no mez da partida dos paquetes inglezes para o Rio de Janeiro: e, para vos não illudir, os vou apresentando taes e quaes, e pela mesma ordem numerica, que de lá nos vem chegando. Delles iremos copiando as novidades de tafio e feitio que mais nos agradar e convier, ou os reservaremos para o nosso inverno quando não tivermos para isso outros que copiar, pois que Pariz para esse tempo nos apresentará os seus de verão, deixando-nos sempre na alternativa das estações, de cujo desencontro não nos podemos livrar.

E quem vos disser o contrario tenta enganar-vos.

Côrte, 17 de Janeiro de 1854.

Ritinha.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

VESTUARIO PARA ESTAR EM CASA. — Penteado de bandós fofos encucaracolados, voltados para traz, enfeitando a cabeça uma fitinha de veludo passada em volta, como que prendendo os cabellos: trança torcida.

Vestido de panno ou cachemire, enfeitado de umas folhas de veludo azul, em forma de laços progressivos por toda a frente da saia e do corpo: nas mangas e em volta da basquine as folhas são soltas.

Corpo meio afogado, liso, ornado de basquine muito comprida: mangas justas em cima, alargando para baixo, deixando apparecer sub-mangas de cambraia lisa em grande fôfo, de punho largo abotoado com dous botões.

Chapelinho de sol de melania branca.

VESTUARIO DE PASSEIO. — Chapéo de seda e

blõnde cõr de rosa, com *voilette* (meio véo) de blõnd; cabellos em bandós ondeados.

Vestido de tafetá. Saia enfeitada de tres folhos guarnecidos cada um de oito, sete, e cinco ordens de fitinha de encrespar.

Corpo *chateleine*, de basquine estreito, afogado, aberto adiante com revezo, todo ornado de tres ordens da mesma fitinha, e fechado adiante por quatro laços de fita larga de setim.

Mangas-pagode, abertas no cotovelo, enfeitadas com tres ordens de fitinha crespa, e um laço de fita larga na abertura.

Sub-mangas, e camisinha de revezo, compostas de renda maline.

Lúvas de pellica cõr de palha. Botinas pretas, de salto e sola forte.

UM AMOR DE MULHER.

ROMANCE.

(Continuado do tomo 4.º.)

VIII.

Erão dez horas da noite do dia 30 de Novembro de 1855; — o *Cassino Fluminense* parecia ao longe um globo luminoso encravado no seio das sombras da cidade do Rio de Janeiro: o salão aristocratico revestido de todas as suas galas dava o seu ultimo baile desse anno.

Um carro aproximou-se da entrada: a portinhola se abriu, e apparecerão no corredor illuminado dous ricos *toilettes*; — pouco depois en-

trou um moço. Trajava todo de preto, e seu olhar pensativo, suas feições alteradas, e mais que tudo seu andar agitado, indicava que esse baile lhe era de uma grande importancia.

Na primeira sala encontrou um amigo, deu-lhe o braço, e correrão o salão da dança: foi quando avistei-o pela primeira vez; — estava pallido e parecia apoderado de uma emoção forte, dessas emoções que paralyzão o sentimento, que fazem de um homem uma estatueta.

Era o Romancista. Elle complimentava nesse

momento uma galante mocinha de quinze annos, para elle a mais linda imagem do mundo; mais linda que todas as mulheres que tinha visto, — que todas as estatuas, modelos dos grandes estatuarios — que todos os quadros dos pinceis mais delicados que conhecia: sim, porque era para elle o que Chawart-tinha sido para Byron — o bello ideal de tudo que sua imaginação desde a infancia tinha imaginado de formosura, a perder-se nas nuvens de perfeição que a rodeavão.

Em seus arroubos de poesia, elle a julgava uma imagemzinha de jaspe que moldava a concepção mais linda — o pensamento mais mystico — o sonho mais casto, de Deus para crear na terra poetas privilegiados — para dar um modeló divino aos estatuarios, para inspirar a todos os artistas, para inspirar um poema com o seu olhar, uma eudeixa com sua voz, uma aria ou um romance com seu sorriso — para mostrar aos homens como erão os anjos do Céu.

Era a primeira vez que elle a via de vestidos compridos, elle a tinha deixado trajando como menina; ainda tinha desenhado na imaginação um vestido branco-curto, que ella trajava no dia de sua despedida. Era tambem a primeira vez que a via, depois de tantos mezes de ausencia; estava morto de saudades, offendido em seu orgulho, resentido em sua dedicação.

Elle amava-a muito.

Perdi-o de vista, porque esbarrei de frente com um de meus amigos que tinha a seu braço uma linda moça, a quem me apresentou de uma maneira muito lisonjeira. Tive de acompanhá-lo, porque convidou-me para uma segunda apresentação a uma senhora, que recebeu-me com tanto interesse, que me peuhorou até hoje. Sempre desconfiado de meu proprio merito, attribui o seu acolhimento tão affavel á bondade de seu coração, e ás maneiras polidas e delicadas que dão a educação e o habito dos salões.

Já a conhecia como uma senhora de muito espirito, como muito boa mãe; e eu gosto de admirar o talento de uma mulher, e sei respeitar uma mãe extrema.

Além destas impressões que recebi com essa apresentação, eu descortinei, por entre o sorriso que fui recebido, um pezar profundo; reconheci que essa senhora soffria, que uma dôr funda ainda não consentia que sua alma se expandisse aos effluvios de um baile.

A orchestra annunciou a quarta ou quinta quadrilha; fui procurar o meu par, e desse modo cada vez me afastava mais do Romancista, de quem queria approximar-me.

Elle tambem andava tão embebido n'uns olhos pardos, que não me daria attenção.

Dancei, pois, e conversei muito: forão os meus melhores, ou talvez os meus peiores momentos desse baile.

Nossa conversação era uma accusação que se me fazia, e que eu com todos os preccitos da logica tratava de destruir.

Dizia-se (que cassoadá!) que eu era voluvel como um papagaio de papel; dizia-se (que injustiça!) que eu tinha o coração *blasé*!

Eu só tive uma affeição em minha vida: nella gastei, é verdade, todas as emoções do senti-

mento; meu amor foi muito grande, para que me restasse mais nada para dar no futuro á outra mulher, mesmo á aquella que me desprezou; porque já seria um eutê novo que me appareceria.

Tenho culpa que se me espedaçasse as miuhas illusões, que se escarnecesse de minha affeição?!

Eú disse a meu par em minha defeza tudo que louco de dôr exprimi n'uns versos no dia de minha decepção. Eu vos reproduzirei uns fragmentos dessa poesia, e por elles vereis, minhas leitoras, como era grande o meu amor, como foi-me terrivel esse desprezo, e assim mesmo o que ainda sinto por essa mulher no coração.

Elil-os.

Teu desprezo empannou de côres pallidas
As lindas illusões de minha mente;
Fañou-me as emoções que se embebião
De lindos sonhos, d'encantados gozos,
Ou contigo, mulher, no pensamento
M'inspirando esses versos que te dava,
Ou se via passar ante meus olhos
A belleza divina de teu corpo,
Que ungiu-me os sentidos contemplando-a.
Fizeste de um altar que te ergui n'alma,
Que a paixão aquecia te incensando,
Um tum'lo onde tombou gelida e pallida
A imagem santa que eu postára nelle.
E a esperanza — cortina que a vélava,
Convertetu-se n'um crepe de mortalha
Que envolve agora a lividez da morte
No atãude de dor em que tombára.
Oh! mas ainda tens ao pé da campá
Uma cruz envolvida n'um sudario,
Erguida eternamente no meu peito;
— Um thurib'lo apagado te incensando
Co'as cruzas frias da descrença d'alma,
E um cyrio negro illuminando a eça
Onde immovel repousa a linda mumia
Da Donzella de meus primeiros sonhos;
E' a saudade, mulher, de teus amores,
A sombra da paixão que te sagrava,
Postada junto á lousa de teu tum'lo
Contemplando-te morta aos quinze annos:
Vivendo de lembranças, s'inspirando
Do riso derradeiro que me dêste,
Do teu ultimo olhar apaixonado
Eterno desenhado em teu semblante

Os olhos, que te olhando embevecido,
Te fazião corar, trêmula santa,
Palpitante de amor e commovida,
Serão torvos, cobertos de uma nuvem
Carregada de fria indifferença,
Embora, arrependida e de joelhos,
Implores meu perdão, louca de amores.
Teu desprezo gelou-os tão ardentes,
Cobriu-os como o gelo das montanhas
Cobre as lavas nevadas da cratera.

Foi sobre isso que versou nossa conversa; é ainda o objecto que mais me interessa hoje, e essa mulher é ainda a unica que me faz palpar o coração. Era ella mesma o meu par.

Quando acabei de dançar fui tomar um sorvete, para ver se a frieza do gelo no estomago applicava-me a exaltação do cerebro, que já pelo descostume estava me incommodando.

Ainda não estava completamente bom, quando se apresenta diante de mim o romancista com cara de condemnado. Não pude deixar de largar-lhe uma gargalhada nas ventas, e foi o que me curou radicalmente.

— O que tens, miseravel? perguntei-lhe eu ainda sem poder conter-me.

— *Coitadinha*, respondeu elle, *perdeu-se — já não é a mesma.*

Como vi-o com feições de quem tinha o *coeur gros*, receitei-lhe um sorvete de cajú, que tanto bem me tinha feito ha pouco.

Depois travei-lhe do braço, e fomos fumar no poetico jardim do *Cassino*.

Nesse lindo salão das flores podíamos conversar à *l'aise*: essas lindas creaturas de Deus só sabem fallar de amor: são surdas, ou, se ouvem, concentram-se em seus calices essas confissões ingenuas que a poesia da solidão arranca insensivelmente do coração de uma virgem. E talvez seja por isso que as flores do jardim do *Cassino* têm mais perfumes que as outras; pelo menos houve uma noite de baile em que ellas encerrárao uma voz doce, que cantava uma linda composição do Sr. Amat — *Minha terra tem palmeiras*.

Mas á que vem tudo isto n'um artigo intitulado — *Um amor de mulher!*

Perdão, minhas leitoras; é porque eu não sei nada do romance, e quero entreter-vos com alguma cousa, que talvez estareis dizendo que dispensais de boa vontade.

Mas ouvi, — não penseis que não vos tenho sempre em lembrança, seja onde for.

Quando fui com o romancista para o jardim, perguntei-lhe quando iria á minha casa passar um dia para continuar o romance: respondeu-me que no dia seguinte ia para Petropolis, mas que de lá me escreveria, e me contaria por carta o que lhe fosse possivel.

Desde essa noite nunca mais o vi, nem sei se elle é morto ou vivo. A respeito de carta, — recebestes alguma delle? Assim recebi eu.

E' por isso que nada vos disse de Fernando e de Lucila, e que tratei de contar-vos o ultimo baile do *Cassino Fluminense* á que assisti.

Mas prometto-vos que, se até segunda feira não receber carta alguma delle, vou á Petropolis por vossa causa, e asseguro-vos que o proximo *Jornal das Senhoras* trará uma porção de paginas do romance.

Só se encontrar o romancista morto. Assim mesmo ainda tenho uma esperança: julgo que elle tem o album em que leu este facto que está me contando: nesse caso comprô-o ou furto-o aos herdeiros.

A' vista dos sacrificios á que me proponho por vós, exijo-vos em paga um só — é ouvir-me ainda um momento: quero contar-vos o fim do

baile, e fazer-vos uma confidencia a respeito de uma moça que eu vi no *Campstre* de Dezembro, e n'uma *soirée* da rua do Layradio.

Sou muito maçante, confesso; mas quando pégo na penna escrevo enquanto tenho papel. E' pois escutai, comô-eu tambem escutei, estas ultimas lamentações do meu companheiro do jardim.

Vão ipsis verbis.

« Se eu a encontrasse amando com recato e temendo o escandalo — á um moço que attendesse ás conveniencias da sociedade, e que não fizesse patente por vaidade os extremos do amor dessa menina inexperiente; se eu a encontrasse amando á outro como me havia amado — mysteriosa e caudidamente; se eu a encontrasse, vendo que me havia despresado por dedicar-se á um moço serio e intelligente, e que a adorava, meu orgulho seria por certo mais offendido — mas eu ficaria satisfeito vendo a sua boa escolha, porque eu a estimava muito.

« Mas, pelo contrario, além de consentir por *coquetterie* uma porção de *il patitos* render-lhe finezas estupidas; além de deixar-se zombar por alguns namorados sem ventura despeitados, consagra todo-o baile, sem timidez nem recato, á um homenzinho de *petites manières*, que parece gastar todo seu tempo a estudar a arte de *mettre sa gravate*. »

Foi assim, fallando mal da vida alheia, que sahimos do *Cassino*.

Metti-me em meu carro, e fiz caminho de casa.

Tive um sonho, que só desvaneceu-se totalmente muitos dias depois no salão do *Campstre*.

Ha muito tempo que não sinto uma impressão tão forte; que não acho uma boca tão engraçada, uns olhos tão travessos, uma cintura tão feiticeira, uma moça enfim tão linda como uma moreninha que trajava nesse baile um vestido de caça cor de rosa de pintas pretas. Conversava com tanto espirito, valsava com tanta graça, pisava com tanta facerice, que prendeu-me a noite inteira a sua sombra: fez-me tomar um sorvete de menos do que costume.

Por mais que fizesse, por *vias travessas*, não pude conseguir della nem sequer uma quadrilha. Tambem não quiz dar o meu braço a torcer, e pedir-lhe um passeio: denotaria muito interesse de minha parte, e não queria de modo nenhum offender a sua susceptibilidade.

Mas eu já tive a felicidade de valsar meia valsa com esse anjinho ou diabinho, e tive medo de me apaixonar deveras: principalmente depois que eu á atando as fitas de seu sapatinho cor de rosa, que inspirou-me a minha melhor poesia, talvez dos ultimos tempos.

Depois desta daldainha de confidencias, perdão, minhas leitoras.

X. F.

(Continua.)

POESIA.

A FADA.

Era luar, — n'uma praia
Um branco vulto vagava;
Era um espirito celeste,
Que neste inundo penava.

Os seus tão negros cabellos
A brisa meiga beijava;
E a vaga ternos queixumes
Tristemente ali soltava.

Um véo comprido e alvarento
Seu rosto d'anjo encobria,
E o triste carpir das ondas
Ao canto della se unia.

Seu hymno de amor sublime
Era uma dulia sagrada,
Seus feitiços, seus primores,
Magos encantos de fada.

De repente meia noite
O bronze aereo souo,
E nas bronceas penedias
Seu triste dobre choou.

Então a virgem sublime
Deixou cahir branco véo,
E pondo em terra os joelhos
Fitou seus olhos no Céu.

E vi, meu Deus, que belleza!
Um rosto niveo, divino,
Uns labios rubros, um collo,
Mais que o setim, bello e fino.

E vi, meu Deus, negros olhos
Onde a voluptia pousava,
Cintura tenue e delgada,
Que uma só mão abarcava.

E vi, meu Deus, lindos braços,
Que Raphael não sonhara,
Bellos pésinhos, um corpo
Que minh'alma ardente amára.

E vi, meu Deus, tanta graça
No seu porte, no seu gesto,
Tanta magia e doçura
No seu rosto assim tão mesto,

Que minh'alma inebriada
De profundo e louco amor,
A vida triste, terrena,
Por ella amou com ardor.

Era ventura infinita
Contemplar virgem tão bella;
Era um eden de delicias
Viver dos encantos della.

Gozar seus meigos olhares
Era um viver de ternura;
Viver de seu doce agrado
Era um morrer de doçura.

Meu coração não podia
Conter paixão tão fervente;
Corri-me á ella amoroso,
Lancei-me a seus pés, demente.

Ja beijal-a; mas ella
Fugiu veloz de meu beijo,
Sumiu-se á azinha nos ares,
Esquivou-se ao meu desejo.

Quando meus olhos tristonhos
Fitarão no Céu luzente
Vi voando, cor da neve,
Formosa pomba innocente.

Era a virgem que eu amára,
A quem meus dias sagrei,
A quem meus ais, meu futuro,
Todo inteiro dediquei.

Era uma fada mimosa,
Que á este mundo viera,
Para cumprir, penitente,
Um voto que a Deus fizera.

Era um anjo de virtudes,
Que á terra triste baixára;
Que na forma de uma pomba
Outra vez ao Céu voára.

Assim findou-se a ventura
Que eu neste mundo ideára;
Assim morreu p'ra meus dias
A mulher que eu tanto amára.

Mas comtudo no meu peito
Vivem seus magos encantos;
Linda a amo, e terno a escuto
Da brisa nos tristes cantos.

Ainda os seus negros olhos
Inflamão o peito meu,
Ainda o seu rosto d'anjo
Eu vejo na luz do Céu.

L. F. da Veiga.

CARIDADE E RELIGIÃO.

É pena, se não diguo de acrecensura, que os actos religiosos, que se dão nos nossos tempos, sejam apenas testemunhados por um punhado de pessoas indifferentes, a quem só o espirito de recreio induz a procurar a igreja; por isso paixão elles pela maior parte desapercibidos, e o seu echo reproduz-se em um círculo tão estreito e limitado, que vai extinguir-se a poucos passos de distancia para nunca mais fazer-se ouvir. Parece-me admissivel que semelhante praxe, ou antes que um tal deleixo, provém do acanhamento ainda notado no nosso systema de educação: familias ha que, desperdiçando a maior parte do seu tempo nos atavios e preparativos proprios de um baile, nunca se lembrão do simples e sisudo trajar outorgado á oração; preferem o bulicio de um sarão ao cabno sacrificio da missa; affeição mais o som ruidoso de uma valsa do que a debil melodia do órgão que acompanhã as preces dos ouvintes prostrados ante o throno do Senhor!

Não supponde, que me quero constituir juiza severa dos actos de outrem, não acrediteis tão pouco que me arvorou em desapiadada censora, para golpear certos usos entre nós enraizados, e que prosperão á sombra do modernismo; crede antes, leitora amiga, que, se apparece algum vestigio de azedume nas minhas primeiras expressões, nem ao menos lhe pôde caber o titulo de admoestação; porque não é ao sexo fragil e inutilizado pela sua soberbia que compete a regeneração dos costumes, não é á elle que, subjeito a centenares de caprichos, pertence transformar as leis decretadas pelo egoismo dos avoengos, e hoje sancionadas pela ambição do poder: desejo meramente contar-vos o que vi, e tributar os merecidos encomios a quem acaba de praticar a acção mais digna de uma senhora, o acto mais proprio de uma mãe de familia, que traspoz todos os barrancos de redor de si amontoados, para exercer a — CARIDADE!

Não obstante as alternativas de sol e chuva que tornarão tão fastidiosos o dia de domingo passado, decidi-me a ser testemunha da festividade religiosa que devia ter lugar no templo do Senhor Bom Jesus do Calvario, não só para orar aos pés do Deus Crucificado, que humilhou-se ao ponto de desfigurar-se, que, remindo-nos do peccado, expirou em uma cruz ao peso de todos os supplicios, como tambem para assistir á distribuição de esmolas offertidas por beneficentores da Ordem ás viúvas e orfãs de seus irmãos.

Grandiosa e esplendida foi a cerimonia da missa! Aos canticos dos sacerdotes reunirão-se as vozes harmoniosas de duas senhoras que entoarão o Gloria com tanta expressão e sentimento, que parecião dons instrumentos desenhados solfejados por bocas de anjos! Á tarde, leu-se uma relação das viúvas e orfãs que tinham sido contempladas na partilha de 3.600.000 legados por um dos beneficentores, e coube a cada uma a quantia não pequena de 70\$ a 200.000, conforme o numero de pessoas de que se compunhão suas familias: logo depois começou o sor-

teio de doze esmolas de 60.000, havendo na urna quatro quintos de cedulas brancas, e um só de premiadas! sessenta desvalidas virão-se a braços com a sorte, e quarenta e oito ajuda uma vez não soffrer a confirmação de sua desventura!...

Na cabeceira da mesa, onde se achava a administração da Ordem, estavam grupadas varias senhoras, algumas das quaes occupavão diferentes cargos, todas em extremo empunhadas na designação dos nomes que lentamente se pronunçião, e da sentença que a urna dos premios apresentava. Cumpre aqui registrar á leviandade e nem-uma sisudez de individuos que sarcasticamente apuravão a indicação das cedulas brancas: além de ser devido ao logar o maior respeito, não era trazer completo desanimo ás victimas da sorte? ao dizer de um cavalheiro, que não me é estranho, parecião que pleiteavão o resultado de uma eleição!

Perto de mim estava em pé uma mocinha de 18 annos talvez, tendo ao collo uma menina que ainda não contaria 2; vestida de luto fechado, extraordinariamente pallida, e sopitando com custo a ansiedade de quem é preza de uma emoção forte, applicava ao sorteio essa attenção fixa e desesperada, que só o jogador applica ao movimento sinistro das cartas! Lêrão-se alguns nomes, e cada um teve o seu aresto pró ou contra, quando ouvi pronunciar: « *Deolinda, menor* » — branco! » e uma voz dizer: « *Minha filha!* »

Era a minha visuiha que apertava ao seu seio a criancinha, e ahi abrigava-lhe a cabeça, como querendo tornal-a surda ao funesto pregão! — Mais tarde, cinco minutos depois, preferirão-se estas palavras: « *Viúva D. Engracia...* » — branco! » e a mesma voz repetiu: « *Minha filha!* »

Cabiu então o véo a todo o mysterio: mãe e filha, a viúva e a orfã tinham sido escarnecidas pela sorte, e por infelicidade a indifferença dos levianos patenteava-se na sua presença!... Nas palpebras de uma via-se rolar uma lagrima abrasada, nos labios da outra pairava o sorriso da innocencia, que ignora as provanças do mundo, e descuidosa não sabe interpretar o pranto materno!... Como era significativo aquelle suor que inundava as faces da consternada mãe! que eloquencia lia-se naquelle olhar languido que ella lançou á sua filha no momento em que lhe foi arrancada toda a esperança!... Meu Deus! vós que unico comprehendeis os nossos sentimentos intimos, vós que distinguis a sinceridade da hypocrisia; porque vos approve que naquelle instante sublime eu tambem fosse orfã e baldã de todos os recursos?!

Nada pude fazer em beneficio da protegida do meu coração; nem ao menos animei-me a consolal-a e dar-lhe nma esperança futura: as grandes magoas são como as grandes alegrias, ou emmudecem ou trahurdam. Terminou-se o acto; pensava eu nos desperdicios da opulencia, e nas privações da pobreza, acompanhando com os olhos as duas infelizes, que de joelhos tinham as mãos postas, quando uma senhora, que depois se

me disse ser a Corretora da Corporação, chegou-se á viuva; fallou-lhe ao ouvido, e, prometendo voltar, pediu-lhe que não se retirasse até que fosse cantado o *Te Deum laudamus*. Com effeito vimol-a apparecer antes de começar a nova cerimonia, e entregá-lhe com toda a modestia e urbanidade um embrulho de pequeno volume, que foi aceito com silenciosa torrente de lagrimas mais expressivas do que o brado de agradecimento do enfermo amparado e reconhecido.

Essa virtuosa senhora fora ter com as suas companheiras servidoras de DEUS na festividade de domingo; narrou-lhes o que connigo presenciára, e, dando-lhes o exemplo, subscreveu

com o que pôde para soccorrer a orandade e a vivêz contrictas; e arrecaudou de suas dignas amigas a quota para o mesmo fim disposta por cada uma: a Mesa Definitoria, testemunha dessa pia sollicitude, igualmente concorreu em peso para consummar-se o meritorio acto de caridade!

Bem vêdes, leitora, que depuz o barrete do critico para alçar a minha debil voz, e tecer o fraco elogio de quem presta tão relevantes serviços á humanidade, e, condoendo-se do infortunio de seus semelhantes, minora-lhes o soffrimento sem lhes fazer affronta.

A. N.

CHRONICA DOS THEATROS.

Teve logar a reabertura do theatro lyrico quinta-feira 12 do corrente, com a ópera *Attila*, de Verdi. É um spartito grandioso como o seu sujeito, em que se encontram a cada momento bellas inspirações, sublimes devancios, e sobretudo um movimento que arrebatou o espectador, ou, para nos exprimirmos poeticamente, — é um ramalhete de lindas e varias flores, em que o dilettanti, como um beija-flor, se embriaga no sumo haurido de umas após d'outras.

Como desenha bem o *maestro* o alvorecer no Adriatico? Como é magestosa a aria do *Attila*? Que lindo que é o duetto do soprão e tenor?

A execução foi bellissima, e couberão, como

sempre, as horas della ao cantor, cujo nome é tão entrovicado que não nos lembra, e que foi encarregado do papel de protagonista: ah! foi o Sr. Withworth, cantor que á uma boa presença, á uma bella voz, junta a compenetração sempre bem dos personagens.

A Sra. Jacobson cantou tambem perfeitamente a sua parte: que pena que essa cantora não tenha um volume e uma força de voz correspondentes á sua agilidade! Ah! está o Sr. Gentili, que tambem não foi mal em Foresto: bem podia dar um pouco da energia da sua, que certamente havia gritar menos aquella sua linda aria com coros!

E. Z. A.

CORREIO DOS SALÕES.

Desde certo dia que não posso acommodar-me com a idéa de ser *Correio dos Salões*.

Porque? me perguntareis vós.

A razão principal é porque o nome de *Correio* é synonymo de Mercurio; e todo o mundo sabe que *bello* officio tinha este gentil deus da mythologia. Ou melhor: porque Mercurio era — correio — mensageiro dos recados de Jupiter ás suas namoradas — deusas, — o echo partido dos salões do Olympo que vinha resoar na terra os segredos do amor de Jove.

Em portuguez claro: — porque, correio, sendo synonymo de Mercurio, — *Correio dos Salões* — assemelha-se assim á *onze-letras* das moças.

Apezar de que, se o fosse, eu só teria de carregar em minha mala cartinhas delicadas e embebidas de perfumes, em que se encerrassem apenas remessas de flores, de saudades, de confissões ingenuas e recados innocentes de um amor santo e puro; comtudo, este nome tem uma dureza que fere-me o tympano.

É verdade que me suavisaría o desgosto de ser assim chamado o saber dos segredos tão

reconditos do coração das moças: mas é justamente o que não acontece; nenhuma me confia seus mysteriosos recados, porque sabem que publico tudo que sei; de sorte que fica-me só a pecha do nome sem os proveitos do officio.

Eu o seria de bom grado — e consideração alguma me faria regeitar este emprego, se, quando me incumbissem dessas remessas perlumadas, pagassem o porte ao pobre do correio, — que é muito careiro por isso mesmo que tem muito vexame de exercer semelhante cargo. A sua tabella de preço seria estabelecida assim:

— Dê-lhe muitas saudades.... — Um beijo.

— Diga-lhe que vou hoje ao baile.... — Dous beijos.

— Entregue-lhe esta flor que significa — constancia eterna.... — Tres beijos.

— Enfim — um *billet doux*.... — Uma sova de beijos.

Mas este seria o preço que me pagarião as moças bonitas: das feias nada exigiria, porque o *deyas* não accitaria incumbencia alguma dellas, e principalmente — pelos preços da tabella; só

obrigado á força de peia, e nesse caso levaria gratis, ou a tres vintens, como os correios de terra.

Se assim fosse, esse era o melhor officio do mundo; mas moça bonita alguma confiaria em mim quando mesmo estivesse disposta a sellar suas cartinhas com esse sello de nacar.

Demais, quem escreve quer resposta: e estivessem os marmanjos tão livres do inferno como de eu entregar as suas respostas, — que irião para o Céu.

Eis ahí o meu defeito capital: minha mala cartegaria, sem machucar-me os hombros, as expressões ingenuas, as doces phrases do amor puro de uma virgem que encham essas cartinhas escondidas no seio com encantado mysterio horas inteiras; mas me os esmagaria, se eu cahisse na asneira de recheial-a das cartas dos namorados, que só os destructes e os pedantismos que ellas contém; pesão tres arrobas, além de duas libras da essencia de lumaça de charuto, de que vão as cartas impregnadas, e de tantas cousas mais.

Este defeito que eu confesso ter como correio é consequencia do orgulho de meu cargo; mas é justamente isso que me bota a perder: porque, se eu levasse as respostas, as imoças, apezar da publicidade que dou a tudo que sei, apezar mesmo dos preços da tabella que estabeleci, me incumbiriam de voar, como Mercurio voava do Olympo, a cumprir a minha missão.

Mas, desde que não tenho taes incumbencias, fica-me só, como já disse, a pecha do nome sem os proveitos do officio: isto é, um onze-letras honorario.

E' por essa razão que desde certo dia não posso accommodar-me com a idéa de ser Correio dos salões.

Mas..... parece-me que tenho um raio de luz que me esclarece, fazendo calar a minha susceptibilidade.

E' verdade: eis o pensamento que me acaba de passar pela mente, que redijo assim:

Sabendo todos que as Fluminenses da boa companhia, como por exemplo as minhas leitoras, reprovão as cartas de namoro; fica subentendido que eu—Correio dos Salões—não sou alcoviteiro de ninguém, e apenas noticiador do que ahí vejo — e, quando muito, abelhudo: disso não me importo.

Então, me perguntareis vós, porque tiveste uma idéa tão extravagante?

Não foi creada pelo meu espirito, minhas leitoras.

Eu conheço uma mocinha de 17 annos — feitiçeira por força — que, ou por meio de alguma varinha de condão, ou por meio daquelle anel magico das-ladas, que posto no dedo minimo faz adivinhar, — que veio a saber que eu era o Correio dos Salões do *Jornal das Senhoras*.

Essa mocinha, além de muito linda, parece que tem o cerebro cheio de azogue ou de espirito de vinho: — um dia destes, pedindo-me que levasse uma carta a uma de suas amigas, e outra a um certo moço, suggerio-me este pensamento com que vos tenho occupado até agora; ella dizia-me que mandava por mim essas encomendas, porque eu era o Correio dos Salões.

Mas esse escrupulo já está destruido; passemos adiante.

Existem outros incommodos do tal meu emprego. Fazer a minha viagem á roda da corte, em que gasto 15 dias, e chegar fatigado sem trazer-vos muitas noticias, como desta vez, me afflige e molesta-me.

Fui por quasi todos os cantos, onde eu julgava que encontraria divertimentos, e pouco mais do que nada vi ou soube.

Passei pelo Provisorio a semana passada; cantava-se o *Attila*; entrei. — Tudo lá era velho: o mesmo na *Norma* da ultima quarta-feira.

Passei tambem por S. Pedro de Alcantara; representava-se as *Cidras do Amor*. — E' uma cousa de que todas vós, como eu, tereis ouvido desde menino.

A unica noticia que tenho para dar-vos é que vão haver agora muitos bailes; e que o Club Fluminense tenciona receber em seu seio as familias dos socios.

Ahi passareis noites agradaveis; não sonheis prazeres exagerados; mas ahí tereis piano para tocar e cantar, relações novas; muito moço que vos entreterá com suas conversas espirituosas, e a possibilidade de encontrar-vos com quem mais desejardes; — e isso a toda hora do dia e da noite.

Naturalmente onde ha moças e rapazes dança-se: ha de haver quem vá para o piano tocar — e assim tereis partidas todas as noites. — C.

Ancedota.

Certa menina, tão bella quanto sensata, escolheu para esposo um sujeito que, com mui boas qualidades moraes, tinha porém o defeito de ser coxo. Achando-se em uma companhia, algumas amigas menos prudentes a chasquearão

por ter escolhido um homem coxo, ao que a menina prontamente respondeu — *Mas é que eu procurei-o para casar, e não para caçar.*

A charada do n.º 5 é: *Lampeão.*



Acompanha este n.º 4 uma estampa com figurinos de vestuario de estar em casa e de passeio.